

Hippolyte Léon Denizard Rivail, nasceu em Lyon, na França no dia 03 de outubro de 1804. Descendente de antiga família lionesa, de nobres e dignas tradições, foram seus pais, Jean-Baptiste Antoine Rivail e Jeanne Louise Duhamel. Desencarnou em Paris, no dia 31 de março de 1869, vítima da ruptura de um aneurisma na aorta, sendo seu corpo sepultado no cemitério de Montmartre e depois de exatos um ano, trasladado para o cemitério Père-Lachaise, ocasião em que foi inaugurada sua herma em bronze colocada no centro de seu túmulo, um original monumento druídico (Dólmen).

O que muita gente ignora, ou não prestou atenção, ao tomar conhecimento de sua biografia, foi o espaço de tempo que decorreu entre o início de seu trabalho, ao começar o estudo dos fenômenos das “mesas girantes e dançantes” (fins de 1854), que posteriormente desencadearia todo o processo da Codificação do Espiritismo e a sua morte (1869). Foram apenas 15 anos. E neste pequeno espaço de tempo tomou corpo e se consolidou toda uma Doutrina, com Kardec praticamente sozinho à frente do imenso trabalho que se lhe apresentou, arrostando lutas e escolhos sem conta.

A sua educação esmerada, a maior parte no Instituto de Pestalozzi, em Yverdun (Suíça) e sua posterior frutuosa carreira pedagógica, onde exercitou a paciência, a abnegação, o trabalho, a observação, a força de vontade e o amor às boas causas, aliados ao seu caráter irrepreensível, deram-lhe a bagagem necessária que faria dele um observador atento e metucioso, um pensador prudente e profundo. Como ele mesmo afirmou: “...apliquei a essa nova ciência, como o fizera até então, o método experimental; nunca elaborei teorias preconcebidas; observava cuidadosamente, comparava, deduzia conseqüências; dos efeitos procurava remontar às causas, por dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo por válida uma explicação, senão quando resolvia todas as dificuldades da questão. Foi assim que procedi sempre em meus trabalhos anteriores, desde a idade de 15 a 16 anos. Compreendi, antes de tudo, a gravidade da exploração que ia empreender; percebi naqueles fenômenos, a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da Humanidade, a solução que eu procurava em toda a minha vida. Era, em suma, toda uma revolução nas idéias e nas crenças; fazia-se mister, portanto, andar com a maior circunspeção e não levianamente; ser positivista e não idealista, para não me deixar iludir.” “O Espiritismo não é uma concepção pessoal, nem o resultado de um sistema preconcebido. É a resultante de milhares de observações feitas em todos os pontos do globo e que convergiram para um centro que as coligiu e coordenou. Todos os seus princípios constitutivos, sem exceção de nenhum, são deduzidos da experiência. Esta precedeu sempre a teoria.”

Nestes 15 anos Kardec publicou o chamado Pentateuco Kardequiano: *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns*, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno* e *A Gênese*.

A *Revue Spirite* foi de responsabilidade de Kardec, desde a sua fundação em 1858 até o mês de abril de 1869, inclusive. Respondia, pessoalmente, a toda correspondência séria que lhe era dirigida e não raro fazia comentários, às vezes bem extensos, de fragmentos esparsos de livros, folhetins, artigos e documentos literários, filosóficos, científicos e religiosos, de épocas diversas e que contivessem referências a manifestações dos Espíritos ou princípios, idéias e pensamentos espíritas. É verdade que nesses escritos só se atinha aos pontos que interessavam ao Espiritismo, mas essa busca exigia-lhe, pelo menos, a leitura de todo o conteúdo.

Kardec freqüentemente aproveitava as notícias da imprensa diária, mesmo as que não tivessem relação alguma com o Espiritismo, para comentá-las sob o ângulo espírita, e, quando necessário, realizava a evocação de Espíritos que lançassem luz sobre diferentes aspectos dos fatos apresentados. “Os jornais, dizia ele, estão cheios de casos de todos os gêneros, louváveis ou censuráveis, que podem oferecer assunto para estudos morais sérios; são para os espíritas mina inesgotável de observações e instruções.”

Fundou, em 1º de abril de 1858, em Paris, a “Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas”, que representou importante papel na marcha do Espiritismo, presidindo aos seus trabalhos até à sua desencarnação. Através de um “Boletim”, normalmente publicado na *Revista Espírita*, Kardec dava a conhecer a súmula dos trabalhos de cada sessão realizada na Sociedade. Esta se viu sujeita a muitas vicissitudes, não sendo “dos menores percalços” na multifária tarefa de Allan Kardec.

Para fazer jus à missão que lhe foi confiada, Kardec houve de submeter-se a um aprendizado completo, duro, demorado, começando do princípio. Não foi, como imaginam algumas pessoas, que, de chofre, o Codificador assenhoreou-se de informações e de vasta experiência, nesse terreno. Tendo sido o que se pode chamar de um sábio, nas questões acadêmicas ou humanísticas, houve de perlustrar as trilhas de um verdadeiro discipulado, paralela e simultaneamente à realização de sua tarefa.

“Tirando-me da obscuridade, o Espiritismo me lançou num novo rumo; em pouco tempo, vi-me arrastado por um movimento que me achava longe de prever. Quando concebi a idéia de *O Livro dos Espíritos*, era minha intenção não me pôr de modo algum em evidência e permanecer desconhecido; mas, para logo ultrapassados os limites que eu imaginara, isso não me foi possível; tive de renunciar ao meu gosto pelo insulamento, sob pena de abdicar da obra empreendida e que crescia de dia para dia; foi-me preciso ceder à impulsão e tomar-lhe as rédeas. À proporção que ela se desenvolvia, mais vasto horizonte se desdobrava diante de mim e lhe distanciava os lindes. Compreendi então a imensidade da minha tarefa e a importância do trabalho que me restava fazer para completá-la. As dificuldades e os obstáculos, longe de me atemorizarem, redobram as minhas energias. Divisei o fim objetivado e resolvi atingi-lo, com a assistência dos bons Espíritos. Sentia que não tinha tempo a perder e não perdi, nem em visitas inúteis, nem em cerimônias estéreis. Foi a obra da minha vida. Dei-lhe todo o meu tempo, sacrifiquei-lhe o repouso, a minha saúde, porque diante de mim o futuro estava escrito em letras irrecusáveis.”